

4ª PARTE

Prosa de Ficção

O suicida

Regine Limaverde

Olhou a torre da televisão e se imaginou pulando de lá. A princípio não pensara em se matar. A vida, apesar de triste e pobre, lhe trazia, aqui e ali, algumas coisinhas alegres. Não pensava em felicidade. Tinha o seu destino. Viera ao mundo como Cristo, para salvar a alma de muita gente. Sofrimentos não lhe importavam. Há muito tempo perdera casa e família. Desde o dia em que brigara com o pai, depois de uma surra de cipó que levava, desaparecera de sua vida o abrigo seguro. Dormia onde “Deus é servido”. Tanto fazia uma calçada de igreja como a porta de um botequim suburbano. Ruim era no inverno. Tremia de frio com a roupa molhada pregada ao corpo. Essa foi a razão pela qual se habituara a vestir sempre três camisas. Pelo menos, o frio não chegava ao seu peito. Trabalho certo? Nenhum. Às vezes, estava de vigia, às vezes, de jardineiro. Contanto que desse para comer, não reclamava de nada.

Naquela noite, saíra cedo. Há dois dias não comia sólido. Nenhum dinheiro nos bolsos, sequer uma ponta de cigarro encontrara na coxia. Tudo silêncio. Só o vento teimava em balançar as plantas, cantando. Bairro rico onde caminhava. As pessoas tinham casa para dormir. Queria dormir, ter uma casinha. Vira luz no prédio da televisão. Entrara e agressivamente pedira um emprego ao vigia. Este, pensando que ele era doido, o mandara embora. – São duas da manhã! Isto não é hora de pedir emprego. E o chamara de doido. Aquela palavra “doido” girava em sua cabeça. – Doido, sai de casa! Já estás muito velho! Vai trabalhar! Um cipó na mão, o pai olhando-o raivoso. Ele reviu a cena. Saiu meio tonto de tanta fome, decepção e lembranças. A lua fazia da noite, dia. A torre da televisão era uma árvore de natal.

Não pensara em se matar! Queria apreciar o mundo lá de cima. Lembrava-se do tempo de pequeno, dos pés de pau no quintal. A mãe gritava lá de baixo. O medo que ela tinha dele cair, o medo que ele tinha dela quando descesse.

A escada da torre era um convite. Foi subindo, subindo. Era um macaco, uma ave. Tão bom se pudesse voar! Estava cansado. A respiração enfraquecera um pouco. Frio mesmo não estava sentindo. O vento soprava forte, mas, vestido com três camisas, não lhe queimava o peito. Via o sol nascendo, as estrelas já desaparecendo. De repente, um apito: os bombeiros! Incêndio? Corriam todos. O que seria? Olhavam para o céu ou era para ele? O sol ofuscava-lhe os olhos. Não. Não fizera nada. Não pensara em se jogar. Estava apenas esperando coragem para descer. E esse povo a lhe acenar? Gente que ele nem conhecia.

Um bombeiro se aproximava pela escada da torre. - Não encostes. Se encostares, eu salto.

E o povo chegando, e a multidão aumentando, e ele era o espetáculo. - Vou divertir esse povo. E se pôs num só pé, arrodando a torre. Era num circo que ele trabalhava. Todo mundo com medo dele cair. Sua mãe lá embaixo, ele pensava. - Filho desce! - Mãe, caio não! E o povo a gritar - Pula! Pula!

E ele ameaçava pular e voltava. - Pula! Pula! Ele escutava.

Não podia decepcionar aquela gente.

O bombeiro querendo roubar seu espetáculo. - Não venhas! Se tocares em mim, eu pulo.

E a multidão- Pula! Pula!

Era uma manhã de muito sol. Bem que o bombeiro tentou.

- Não venhas! Lá vou eu...

Ninguém soube quem ele era. Talvez um homem que quisesse ser um pássaro...